



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO X * N.º 241 * PREÇO 1\$00

UMA CARTA



Aqui, LISBOA!

Nós só podemos ajuizar verdadeiramente de que alturas não cai a mulher, quando vemos, como esta carta diz, o fim para que ela nasce e de quanto é capaz. Ora queiram ler:

«Por me ter enviado o vosso jornalzinho, que tanto interesse me tem despertado o seu procedimento a favor dos pobres, i viúvas, apesar da minha idade um pouco avançada, sei avaliar muito bem as suas obras, em favor dos infelizes, i principalmente nas viúvas com filhos p quinhos para criar; porque também fui uma viúva sacrificada, que fiquei viúva muito nova com seis filhos todos pequeninos, sem auxílio de ninguém. Mas graças ao pai do céu, que me deu sempre saúde i coragem, para eu me confortar com a sorte que me quiz dar, i assim eu fui criando os meus filhinhos honrada i sinceramente, até que hoje, estão todos a constituir família; nas suas casas i mais uma vez, dou graças a nosso senhor, que muito pobresinhos que são, sinto a hora de lhe dizer, que são uns bons filhinhos exemplares, escrevo-lhe esta carta cheia de mágoa, porque os tenho todos no meu coração, mas sim longe da minha vista, em terras Brasileiras! mandando-me de lá cada um o seu bocado para que eu não passe fome como outrora passei quando trabalhei muito para os criar. apenas cá me ficou por destino de Deus, uma filha i mais nova, para olhar por mim, que também já constituiu o seu lar com 4 filhinhos minhas netinhas que são o meu enlevo, i que sempre são quem me distrai; nas minhas doências i a mais velhinha com 9 anos é quem me lê o vosso jornalzinho que tanto me agrada, a vossa leitura, i o vosso procedimento quando ouço ler no seu jornal a sua visita à África; aos seus filhos, i nossos irmãos, sempre me dá uma forte comoção, que não posso supurar as lágrimas pois os meus queridos filhinhos que sempre foram a minha companhia; encontram-se tão longe de mim, i eu não posso fazer como vós, Senhor padre Américo, ir lá visitá-los.

Aqui lhe envio 20 escudos uma pequena migalha, das migalhas dos filhos. Com toda a consideração me subscrevo i ao senhor Padre Américo muito obrigado.

Quitéria da Silva Valhom.

Para não perder nada, conservou-se a caligrafia; e porque o «Gaiato» é a sala de visitas da Obra da Rua, à senhora Quitéria, grande visita, dá-se o melhor lugar. Lugar de distinção. A carta é um documento daquela sabedoria que é dom do Espírito Santo e não há ali uma palavra que se deite fora; nem uma. Em primeiro lugar, ficamos a saber que uma grande parte dos casos domésticos que levam à miséria, são obra dos próprios domésticos. Em segundo lugar, ficamos também a saber que a mulher viúva é a pessoa naturalmente indicada para manter e educar os seus filhos, não importa quantos; e que, aproveitar a morte do marido para fazer caridade, levando os filhinhos, coitados, para o asilo, sem primeiro

estudar a capacidade da mãe, é mero exibicionismo. As senhoras piedosas que costumam intervir, leiam, façam da carta meditação e ajudem as Mães a criar seus filhos em sua casa, pelos seus meios, que esta é a intervenção cristã!

A senhora Quitéria, sente a honra de me dizer que seus filhos são bons, enquanto na sua heróica humildade esconde ou ignora que foi justamente ela, Mãe, que assim os fez. Como? Passando fome para os criar! E assim como outrora, no ventre, hoje, traz cada um no seu coração. Tudo nela é interior!

A linguagem da carta, é uma exposição de teologia; ela torna Deus responsável pelos acontecimentos e actos da sua missão maternal. Assim, foi Deus que lhe deu coragem e saúde e conforto; graças ao Pai do Céu. E, ainda, tendo todos os varões saído para o Brasil, destinou Deus que ficasse a sua filha mais nova para olhar por ela; por destino de Deus. E os 4 netinhos são o seu enlevo. E a mais velha, de 9 anos, lê o jornal que tanto me agrada.

Senhora Quitéria, a sua carta não traz endereço por isso lhe não escrevo. Mas deixo aqui recado e a sua netinha lê. Venha ver-nos. Eu mando aí o Avelino no Morris, e assim é nos nossos braços que vem e regressa. Venha-nosabençoar. Eu quero lhe dizer aqui em casa que foi vocemecê a causadora de um tamanho amor dos seus filhos.

UM AVISO

Há uns tempos a esta parte, anda no Porto um grupo de pedintes para a Casa do Gaiato, o qual, pelo seu volume e acção, deixa perceber uma perfeita quadrilha, ordenada e comandada por um que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Sabemos do que eles fazem e dizem, por famílias que nos telefonam, comunicando a entrega dos dinheiros e géneros. Ora pede-se que o façam, sim, mas refendo o mentiroso, até que a Polícia o vá buscar. É isto que nós pedimos. Não é tanto pelo dinheiro como pelo mal que esses pobres rapazes fazem a si mesmos, com ele. Não lhes entreguem nada. Não acreditem. Nós nunca mandamos ninguém pelas portas. É uma quadrilha.

Não há como descer às furnas, para nos convenceremos da flagrantíssima oportunidade da Obra da Rua. É tal a extensão e profundidade do mal, que um exército de heróicos e destemidos voluntários, munidos dos indispensáveis recursos, muito haveriam de lutar para deter, já não digo debelar, o flagelo. Nós, pouco mais podemos fazer do que dirigir para ali a luz da caridade evangélica, como fazem em noite escura de naufrágio, os holofotes que iluminam as vagas donde gritos angustiosos reclamam socorro.

Junto dos trapos e das tábuas defumadas duma barraca desfeita, uma pobre mulher implora, em altas vozes, a minha intervenção para que as autoridades lhe deixem reconstruir o abrigo. Ela e os cinco filhos não suportavam os olhares indiscretos de quem, dia e noite, por ali tem de passar. Naquele momento era grande a aglomeração de espectadores. Entre eles levanta-se brava questão. Uma pedra passa a zumbir aos ouvidos e vai atingir em cheio um dos contendores. Não estamos no Chaimite, mas é preciso ser-se Mouzinho para caminhar por ali, de cabeça levantada. Por isso são poucos os trabalhadores.

Cada vez admiro mais as Irmãs da Curraleira pela sua heróica permanência em tão selváticos aglomerados, onde estas tempestades, à falta do pão do corpo e do espírito, são o pão negro de cada dia. Mas pode e deve dar-se tudo para que esta situação se remedeie.

Quando comparo a conduta da matulagem que enxameia estes bairros, com a dos mesmos Rapazes que de lá vêm ocupar as nossas Casas; quando comparo o viver do Pobre no formigueiro dos tugúrios, com a do mesmo Pobre no aconchego duma casinha do Património — que consoladora diferença! O que é possível para poucos, também o é para muitos: vamos a isso!

Tudo o que nos tem vindo, reduzido a cifras, dá números elevados. Mais um tanque de migalhas para o Património, com 251\$50. Cem por intermédio do Octávio, para a Curraleira; 50 por intermédio doutro Rapaz por alma do Patrão. Da Nestlé 186\$. Para comemorar os 25 anos do Governo do seu Presidente, uma tonelada e meia de trigo, entregue à porta do nosso celeiro já fanado. Foi a mais linda bandeira do cortejo, esta da F. N. P. T. Do Alentejo, o já tradicional sufno, pronto a ser devorado. Os oferentes vêm sempre num jeep e

o morto no atrelado. Quando o préstito entra no átrio ha sempre algazarra infernal: viva o morto! 300\$ da Câmara do Seixal. É outra tradicional contribuição. Da Vacuum a 71ª contribuição para cumprir, como eles dizem, uma obrigação-devoção. A Rua Renato Baptista veio desobrigar-se com 1.255\$. Vê-se que é cristã. Que sorte termos encontrado por ali o Lar. O Risonho também trouxe 100 para o Património. Não vai vez nenhuma à venda do Gaiato que não volte portador de muitos

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

Movimento Operário Nacional DE AUTO-CONSTRUÇÃO

É uma organização cristã, com sede em Coimbra, que se propõe ajudar os operários pobres a construir suas casas, fornecendo-lhes os materiais de construção.

Os operários agrupam-se em equipas de doze, sendo pedreiros, carpinteiros, um pintor e serventes. Cada equipa promete obedecer e cumprir o regulamento e fica com o seu chefe. Começa cada equipa assim organizada a construir para os seus componentes. Trabalham somente nas horas vagas e nos feriados.

Cada operário tem anualmente 456 horas livres. Se ele as aproveitar, a riqueza que daí vem para ele e para a sociedade!

Cada operário depois de ter a sua casa pronta, vai habitá-la e fica a pagar temporariamente uma pequena renda, conforme as suas posses, renda esta que vai ajudar a adquirir materiais para outras casas de seus irmãos. Todo o movimento é ordenado por um regulamento nacional.

É uma guerra aberta às tocas, aos antros, às barracas, às cortelhas, aos par-deiros, aos barredos, às latas, às furnas e às curraleiras.

Educar o homem, muitas vezes já desvirtuado pelo vício, a ter amor àquilo que é seu; a ser limpo, cuidadoso, conservador, amigo do trabalho, pois aquela casa que hoje é sua custou-lhe muitos suores, muitas canseiras, muitas amarguras; a casa é carne da sua carne, sangue do seu sangue. Prende cada um à terra onde nasceu, pois está ali a sua casa que é um pedaço da sua vida. E assim já não será tão grande esta paixão de cada um sair da sua terra e ir à toa, muitas vezes, para os centros mais populosos. Estreita mais os laços familiares, pois a casa é um laço de união; os pais serão mais pais e os filhos mais filhos. Atrai o rapaz na crise da juventude; a casa que ele já começou a construir aos quinze ou dezasseis anos atrai-o a ficar ali e convida-o a preparar com seriedade o seu futuro casamento.

Esta é a única guerra que é capaz de enfrentar aquela que anda por aí espalhada em falsas doutrinas e falsos doutrinadores.

O movimento já começou e quer não mais parar.

Vão a comandar um Engenheiro e um sacerdote que levam dois archotes grandes acesos. À frente com o guião, vai o pároco de Aguiar da Beira que leva já doze casas.

PADRE HORÁCIO



Crónicas de África

Não desejamos sair da Beira sem voltar mais uma vez a ocuparmo-nos do Savoy Hotel, por ali se ter dado um caso pitoresco na véspera de partirmos para o Luabo. Eu tinha ido falar naquela noite a um dos cinemas, e quanto isso me custou! Mas era preciso. O dono da casa, pôs à nossa disposição a receita total e ainda por cima tinha uma casa para oferecer, doze contos. Estavam todos à minha espera. Não podia faltar. Apresento-me. Um nadinha antes da hora, fui ao bar, por forças... Um grog. Ali ao pé, sentados, estavam uns senhores estrangeiros. Percebi que falavam da minha pessoa e queriam dizer algo, mas o tempo urgia. Saído que fui do palco, vêm os mesmos ao meu encontro e convidam-me a ir ao bar. Mais forças! Estava ali um funcionário do *Exército de Salvação*, chegado de Joanesburg, aonde dirigem uma casa de rapazes da rua. Na verdade, dias antes e quando naquela cidade, um amigo indicou-me ao longe a casa e explicou o que era e a quem estava entregue, por isso de tudo sabia. Agora, ali na Beira, tenho ocasião de falar cara a cara com um membro da Organização.

Pouco me demorei. Precisava de dormir. Dirigi-me ao hotel. Altas horas da noite oio tropel; passos que se vão aproximando do quarto de dormir. Ouvia pronunciar o meu nome distintamente, como quem chama. Noto que abrem a porta da sala contigua sem pedir licença. Desta penetram no meu quarto e abrem a luz. Eram eles; o funcionário do *Exército de Salvação* mais os dois companheiros. A minha primeira impressão foi que estava tudo muito certo e que Beira ainda é Beira e oxalá o seja por longos anos. Noutra qualquer cidade do mundo, isto era naturalmente impossível; a polícia, o porteiro, medidas de segurança, regulamentos. Tudo forças impeditivas. Mas na Beira não.

A falta de cadeiras e porque eles não atinavam para as ir buscar, os três sentam-se no meu leito, qual deles mais *fresquinho*... Eu levanto-me, convido-os a passar a outro aposento, aonde eram mesas e cadeiras. Sentamo-nos e aqui vem agora o melhor da festa. O funcionário do *Exército de Salvação* dá-me o seu nome e morada e propõe uma troca de rapazes entre a casa deles em Joanesburg e as nossas em Portugal! Eu escutava. O homem expõe calorosamente o seu ponto de vista. Isto era madrugada. Recordava-me perfeitamente doutros tempos e doutras propostas noutros lugares! Afinal, os homens são sempre os mesmos. Não progridem. Não retrocedem. As ideias é que sim. Escutei, fingindo a máxima atenção e dizendo a tudo que sim. Sim senhor. Também eu lhe dei o meu nome e a direcção em Lisboa, tudo como ele me fez só que, a minha letra era um nadinha mais certa. Despedimo-nos. Entreguei ao Júlio a morada do simpático funcionário e é esta a grata recordação que nós trouxemos do incidente no hotel Savoy, a testemunhar que ali é Beira.

Chegou o dia, da nossa partida para o Luabo. A' hora prefixa

estavamos no campo e descolamos. O pequenino avião, dispõe de quatro lugares, piloto inclusive e é accionado por um motor que vai na ponta do nariz. O Júlio não me deu sinal de medo, tão pouco eu. Ninguém entra para aqueles aparelhos a meditar na possibilidade do que por vezes acontece. Não. Não deve ser. Tomem-se as horas por boas e caminhe-se. Depois de sobrevoar a cidade e um nadinha fora dela, o piloto avisa-me que dentro de um quarto de hora iamos ver caça grossa. Eu ouvi e a uma tal afirmação, acrescento um talvez por minha conta e risco. Compreende-se o nosso desentendimento; o piloto passa ali todos os dias. Vê. Conhece. Tem por certo e vulgar o que para mim era duvidoso. Na verdade, decorridos os quinze minutos, ele pergunta-me se ainda não tinha dado fé. Eu estendo a vista e declaro que não vejo nada. Ele marca a direcção com o indicador e eu vejo. Era um grande ponto negro! Mais perto e aquela nuvem mexe-se. Mais perto ainda e noto que são animais. O piloto raze e eu vejo bufalos. Uma extensa manada de bufalos. Quantos? Não sei. Júlio ia imediatamente atrás de nós. Queria dizer, mas faltava-lhe a palavra. Eu igualmente. Para cúmulo do delírio, tínhamos a contrastar o branco das *egretes* com o negro dos bufalos. Estas eram milhares, pousadas sobre o costado dos animais a catar parasitas; e enquanto estes fugiam ao ruído do avião, aquelas seguiam a par, voando! Nunca tal vira! O piloto, é amigo dos passageiros, faz render e tira o máximo efeito de minutos tão deliciosos. Torna a razar. Parece que vai pousar sobre os animais; e por momentos, seguimos todos na planície: as aves, os bufalos o avião e o delírio. De novo sobe. O Indico vai ali perto. Por baixo de nós, são terras baixas e alagadas. Grandes prados. Aqui e ali pequenas lagoas. Pouco arvoredo. Olhe ali. Mais bufalos! Estenda a vista. Outra manada! A seguir, passamos por sobre recuas de zebras. Depois, vêm as gazelas em grupos, deitadas na orla dos lagos. Estas não se assustam. Não se mexem. Nem o barulho, nem a aproximação, nem nada. O entusiasmo continua. Tínhamos perdido a fala, espreitávamos sem nada dizer. Outras espécies. Muitos exemplares alados Pântanos. Mais caça. Vamos agora por sobre o Zambeze. O rio Zambeze. O piloto diz-nos que estamos a chegar. Tínhamos andado quarenta e cinco minutos.

Isto que acabavamos de ver é uma pequenina amostra das imensas e enormes curiosidades que o Continente Africano oferece à gente. No nosso caso e porque estávamos em terra portuguesa, eu digo das enormes e extensas curiosidades que a nossa África oferece aos portugueses. Não vamos dizer que tudo ali é preparado como nos pontos de turismo da velha e cansada Europa, aonde já muito se finge. Não vamos dizer, sim, que está tudo preparado. Mas preparemo-nos nós e vamos. Quem pode dispor de dinheiro, vá deixá-lo no que é nosso, com os nossos. A falta de conforto que por ventura se experimente, é altamente

PATRIMÓNIO DOS POBRES

O que sobremaneira enriquece, é a horta, fora da porta das casas do Património. Tirante as primeiras dez que se ergueram nesta freguesia de Paço de Sousa, todas as outras ostentam a horta e o jardim. E aquelas não, por medo! É verdade,—medo! Fomos pelo mínimo, o exacto; 50 metros. Hoje não. Hoje não senhor. Já nem se torna necessário pedir. Os doridos do coração apresentam-se. As últimas duas parcelas, à beirinha da estrada nacional, são de 500 e de 1 000 metros quadrados. Andamos a construir. Os quintais estão. O que antes era inculto, hoje produz Todos os legumes. Toda a hortalicha. Árvores.

OUTRO



E' o Zé Maria do Lar de Coimbra. Vai para Luanda. No mesmo paquete, segue um camponês com sua mulher e filho, para o Xai xai. Camponês. Mãos que trabalhem a terra para que seja verdadeiramente terra nossa. Segue também para o mesmo sítio um alfaiate com sua mulher; um e outro contratado pelo nosso amigo J. J. da Cruz em condições esplêndidas. Segue para o Luabo o Carlos Gonçalves, contratado pela Sena Sugar. Finalmente, o António Leitão para o Lobito. E' tamanha a comoção quando recebo cartas de chamada, que eu não tenho forças para ler até ao fim! Vejo do que se trata. Arrumo a carta. Dou uma ligeira volta pela quinta. Convido o interessado a entrar no meu escritório. Faço-o sentar. Dou-lhe a carta para a mão. Ele acaba de a ler e destarte somos dois a suportar o peso vivo da notícia. E' sempre assim.

Todos eles vão ganhar o suficiente para as suas despesas e ainda um bocadinho para o mealheiro. Aqui não. Por cá não é assim. Das migalhas, somos forçados a dar uma ajuda aos dos nossos que já deixaram o lar e trabalham por um salário. Não chega! Andam as contas mal feitas!

E lá vão eles mar em fora. Contamos mandar mais alguns antes do ano terminar. Assim se coloniza. Assim tomamos posse. O apto. O de boa saúde e boa vontade e boa consciência. Uns fazem a cama dos outros.

Quem promove um tamanho bem nacional,—quem? Não se sabe. E' um bocadinho de todos. São grandezas escondidas. Não há letreiros. Boa viagem.

compensada por vistas e experiências e aventuras, com que nunca sonhamos! E' uma coisa diferente. E é cem por cento português.

Vides. Flores! Só vistol.

É preciso que seja fácil construir as mil, diz o signatário da carta da Hidráulica, ao anunciar a remessa de 18 contos para uma. É preciso que seja fácil construir as mil. Gosto da frase. Gosto, porque quem a escreve vai à frente. É um imperativo singelo, humilde, cheio de decisão: é preciso. Gosto. É impossível que não seja Um Novo. Um que ainda não aprendeu a assinar o ponto. Deus o ajude.

Ontem vieram aqui trazer uma casa, de mando de um moribundo. Sabemos, de cartas de consciência, apenas a testamentos. Não são heranças. É uma palavra viva. Que não desfalque a família, quem tiver herdeiros. Que não desfalque instituições, quem a não tiver. Tudo para os outros. Para nós basta uma palavra de vida em vida. Não te queiras ir embora sem uma casa na mala! Tantos e tantos e tantas que se apresentam com as malas vazias, algumas tamanhas e nada lá dentro! *Quid prodest?*

As mil casas (para começar) têm de sair das algibeiras dos Pequenos. *Deus permita que a nossa casa venha a ser uma entre muitas oferecidas por organismos semelhantes como vem na carta dos da Hidráulica. É preciso. Não devemos esperar nada do Estado, a não ser a presença moral. Compreende-se. Não é obra de estrutura. Falta-lhe o magnífico. E' uma obra invisível, de sabor eterno e só vale porque Deus é também o Criador dos Invisíveis. Este é mesmo o seu espantoso valor.*

Tem de ser por subscrição. Subscrição nacional. Cada casinha é um monumento erguido ao Pobre. Um sacrário. A obra é um Viático; anda o Senhor pelos caminhos!

Os automóveis fazem pausa. Entram. Informam-se. De quem se fala ali dentro? De Deus. Para uns aumento, para outros começo de fé. Fé divina. Ontem recebemos do Porto, por encomenda, uns metros de pano para cortinas e cinco escudos para as linhas. Acontece que imediatamente vou entregar uma coisa e outra a quem as tinha desejado. Acontece, ainda, que por um feliz acaso, passa na estrada quem deu o pano. Entra. Reconhece. Disse-me o *inquilino* que eram pai e mãe e filhos. Que choraram de alegria! Que não contavam de tão depressa se ter dado execução! E mais e mais e mais. Que é tudo isto, senão Jesus que anda pelos caminhos!

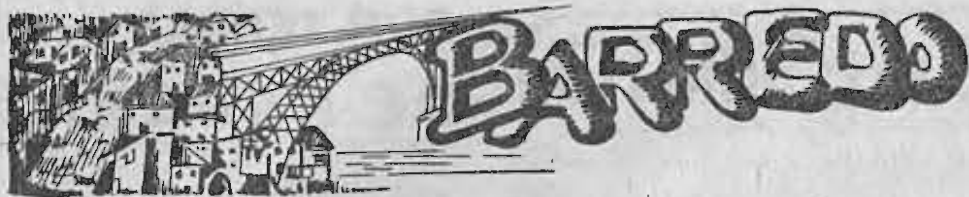
O *Património* é uma coisa diferente. Foge às regras. Outro selo. Antes de cada um partir, cui de da sua vida. Cesse de comprar e de vender. Meta na mala doze contos e vá assim para a sua morada! Quantas cartas de consciência! Quantas palavras moribundas! Quantos ricos não hão-de vir a salvar-se por amor do «Património dos Pobres»?!

UM LIVRO EXTRAORDINÁRIO
QUE DEVEM ADQUIRIR
«O BARREDO»

Pedidos à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
Paço de Sousa

N. B.—Para esclarecimento do público informamos que esta edição não se vende nas livrarias do país. E' um exclusivo da nossa Obra.



TRIBUNA
DE COIMBRA

Muito embora se não diga, por falta de espaço o certo é que não passa a semana sem algum de nós visitar pobres; nós, os *padres da rua*. Parecendo que não, esta é, mesmo, a maior acção da nossa obra. A última foi às *ilhas* de S. Victor, a casa do Albano, o doente de uma carta dada aqui a lume ultimamente. As habitações destas *ilhas*, sendo impróprias, são, contudo, muito mais adequadas do que todas quantas conhecemos na grande escarpa da Sé. Esta do Albano e outras aonde fui, compõe-se de uma sala de entrada com sua janela e duas alcovas cada uma com seu janelo. Não há mau cheiro. Luz suficiente. Renda acessível. Em todas elas perguntávamos. Nenhuma acima de 60\$00. Banharia, Mercadores, Rua Escura, Fonte Taurina e Labirinto do Barredo, é o sistema *hotel*, aonde os moradores pagam por quarto e por noite! Ontem mesmo, tendo ido àqueles sítios procurar um doente no seu quarto, ele não estava. Espero um nadita. Ele aí vem escadas a cima. Abre a porta. Senta-se na cama. Descansa uns momentos. Trazia na mão nove tostões, mas precisava de sete escudos e cinquenta centavos para a renda daquele dia! Como este outros, e outros, e outros. Regressemos a S. Victor. O doente está na cama. E' novo e bem parecido. Sobre a mesa de cabeceira, vê-se a fotografia de um rapaz, que é seu filho e encontra-se ali perto no colégio dos orfãos. A mãe dá fora todos os dias da semana. Que braços! Que amor conjugal! Oh heroísmo! Não fora ela e sem marido, além do mais, passaria fome. Ele era um operário. Os vicentinos vão por lá, segundo ele meinforma, mas todos nós sabemos que estas ajudas são pequenas. E' o braço da sua mulher.

Eu demorei. Era a minha primeira visita. A minha presença dá-lhe confiança e alento e desejos de se comunicar. *Eu queria viver meu padre*. Fora havia barulho de gente que me vira entrar. O postigo da alcova, deixa passar o sol. E' uma esperança. Eu animei e disse-lhe que sim. No sanatório do Semide, aonde ele estivera antes, fizeram-lhe tudo quanto possível, segundo as normas e posses do estabelecimento; mais ainda, fez a boa vontade dos Clínicos que ali trabalham. Mas não puderam ir até ao fim. O doente, hoje, vai a um Dispensário por injeções. E' da classe dos doentes ambulatórios e na verdade eles o são. Muitas vezes nem sequer têm dinheiro para fazer parar o eléctrico e vencem as distâncias deambulando!

Ora eu quero-me interessar. Quero acudir. Quero ser por este doente. *Eu queria viver meu padre*! Nós não temos o poder do Mestre. Não dominamos os elementos da natureza. A ninguém diríamos *tolle grabatum et ambula*. Mas em Seu e por Seu amor, podemos ir muito longe e é por este caminho que hei-de seguir. Havemos de encontrar em Portugal um sanatório aberto, aonde se faça a operação que o doente necessita. Alguém há-de vir em meu auxílio. Conto dar aqui boas notícias a seu tempo.

As *ilhas* são formigueiros de gente! Dir-se-ia que estava tudo à nossa espera. Há os entrevados, os incuráveis, os aleijados, cegos; uns no começo outros no fim. E se ninguém mais o disse além do primeiro, a verdade é que todos o sentem — *eu queria viver, meu padre*! O visitador tem que se munir de coragem para ouvir e para ver. Chegar-se ao pé. Atender. E não virar a cara, quando nos querem mostrar as chagas. Desta vez, em S. Victor, foi assim. Nem sexo, nem idade, nem a decência. Olhe padre! E nós olhamos escondendo repugnâncias. Ali é tudo dor.

Retirei-me com tarde alta. Ao longe e já sozinho revejo e rumino. Ninguém sabe o que vai dentro de mim! Ele há quem envelheça por não poder fazer melhor.

Agora

À frente vai o Banco de Angola com doze contos. Imediatamente atrás segue um tripeiro com 1.000\$, e esta bandeira: *primeira de 12 prestações mensais, se Deus quiser, para a construção de uma casa*. Há-de ser obra acabada, pelo tempo que leva a fazer! Ao pé, vai mais heroísmo. É do Porto. A carta é datada da *Cidade do Porto*. Gosto disto. Nada de confusões: É *Uma Empregada* que leva na mão 1.200\$00 a dizer *aumento de meu ordenado de dois meses*. Outra vez o Porto com 300\$. Mais Porto; queiram arrumar-se. Vai passar muito que ver; um que já tinha dado seis, leva agora outro tanto e aqui temos mais uma casa. Outra vez *uma rapariga do Porto* com 705\$, num tabuleiro emaltado de azul e as seguintes letras de ouro; *aumento do primeiro mês duma promoção que tive*. Feliz quem a promoveu! A procissão hoje é maravilhosa. É um cada vez mais e melhor. Mais espaço por favor. Mais largueza. É uma aluna universitária. Ora leiam:

«Vão 140\$ duma aluna universitária que vai estudar Pedagogia pelo «Isto é a Casa do Gaiato» e que interesseiramente pede um Pai Nosso para que Jesus a ajude a criar o seu lar.»

Isto sobe. Isto faz chorar a gente. Quantos tesoiros escondidos, quanta generosidade, quantos homens que procuram o bem dos outros homens! Ora ponham as mãos e deixem passar o Augusto. Ele é do Porto.

«Gostaria que 100\$, fossem para o «Património dos Pobres», pois quero ajudar os outros a ter aquilo que dificilmente conseguirei — uma casa.»

Mais alturas. Nós hoje damos a palavra aos que formam a procissão.

«Envio-lhe este dinheiro tirado do meu ordenado que seja em desconto do meu egoísmo e para que Deus me ilumine mostrando qual é o meu caminho.»

Que Deus o continue abençoando, bom padre! Não só para bem de todos aqueles a quem ajuda directamente como também para

Está tudo preparado para que as Casas dos Pobres em Coimbra comecem no mês de Maio. De princípio vão ser já quatro e depois por aí fora... Só há dificuldade nos terrenos. A Câmara deu generosamente o que tinha. Eu espero da Junta Autônoma das Estradas, pequenos bocados de estradas antigas. Também tenho esperanças nos particulares; pode não ser na cidade; também nos interessam os arrabaldes.

A Câmara de Condeixa já deu. No Calhábé ardam a arranjar. A Conferência dos Rapazes do Liceu anda empenhada em construir. Um mundo novo...

Deus vai tocando os corações O «espírito sopra onde quer».

As Casas dos Pobres são bandeiras de paz que se erguem. Temos e havemos de trabalhar para as semearmos por todo o Portugal. E assim teremos um Portugal ainda mais belo!

Começamos com os peditórios nas igrejas de Coimbra. Levamos na mão o facho aceso e dentro uma alma também em fogo. Queremos atear esse fogo a todas as almas. Levamos no coração a esperança da compreensão e da generosidade dos nossos ouvintes.

No ano passado anunciamos as Casas no centro do País e todos aplaudiram. Este ano apresentamo-las no centro de Coimbra e ainda não sabemos o que sai.

En S. Bartolomeu deram-nos este ano um conto e seiscentos e o ano passado dois contos e quinhentos; na Sé Nova este ano não chegou a dois contos, o ano findo foram quatro e meio. Vamos continuar a correr as igrejas e queremos correr-las todas, sem atender ao quanto.

Apesar desta baixa, nem por isso a nossa confiança em Deus e o nosso entusiasmo diminuem. E a causa é a seguinte: há dias encontrei dois velhinhos alitos, porque o senhorio vai pô-los fora da miserável barraca aonde vivem e não têm para onde ir. Ele é entevado já há muito e eld cegui-nha também há tempos.

Mais; fui chamado ao telefone para ir ver um caso. Era uma família que veio do Alentejo e alojou-se no areal do Mondego debaixo de dois lençois pretos e ali passaram todo o inverno. A família é composta pelos pais e por cinco filhinhos, o mais novo de catorze dias e uma filhinha com uma meningite aguda.

Os vizinhos afirmam que são muito sérios. Por tudo isto enquanto tivermos forças havemos de lutar.

Vieram em nosso auxílio: Cincoenta para a primeira luz da primeira Casa dos Pobres em Coimbra. Luz; toda a Doutrina Cristã é luz! Cincoenta a pedir Missa; foi cumprido o pedido. Cem dum contínuo no Porto para as casas da sua terra. Bairrisimo puro! Vinte em sufrágio da alma da minha Mãe. Filhos piedosos! A campanha da senhora que veio trazer a casa deixou também quinhentos à sua conta. Junta-te aos bons e serás um deles! E agora um passo largo: envio estes cem escudos para as Casas dos Pobres de

aqueles que indirectamente por meio do seu jornal tanto auxiliam...!»

Agora vai passar Viana. Viana do Castelo. É uma rapariga que leva na mão o seu segundo ordenado *inteirinho*, (200\$) *para um pouco de cal*. Dar tudo! Dar o que precisa! Que força não tem o toque de Deus nas suas criaturas?! Lisboa também sai para a rua e enfileira com 700\$.

O Porto torna com 50\$. Lisboa, vai com uma nota impressionante: 100\$ *do primeiro ordenado de meu filho*. Temos casas de pedra e cal ou de carne e sangue?! Albergaria das Doze nunca veio, que me lembre, mas fá-lo hoje e que bem se apresenta. Deixem passar:

«Não somos ricos, nem o desejáramos ser, a não ser para com maior generosidade acudirmos a tantas misérias.»

Nunca se disse em tão poucas palavras uma verdade tamanha! Os ricos que leiam e meditem e pratiquem e salvem-se. Vão 500\$ deixados no Lar do Porto. Todos quantos passaram no Espelho da Moda, vão aqui: O assinante 4811 não teve coragem de ficar em casa e salta para a rua com 100\$. E por último Sá da Bandeira; um chequezinho de mil escudos. Anda por lá o incendio...!

Último não. Antes de recolher, deixemos que passe alguém de Coimbra com uma casa entregue ao Padre Horácio — doze deles.

Coimbra antes de começar a construir a minha. Pôs a sua casa no seguro, pois recebeu antes a benção do Pobre.

P. S. — O Carequita vai fazer dezasseis anos no dia 25 de Maio. Pelo seu comportamento merece bem uma prenda. O Sardinha vai fazer catorze no dia 28 do mesmo mês. Anda já há muito tempo a escolher a prenda para me dar nesse dia. (Nós aqui andamos ao contrário!).. Ele é querido de quantos o conhecem e até no Coliseu o ano passado ficou bem e este ano vai ficar melhor.

PADRE HORÁCIO

Isto é a Casa do Gaiato

*** Poucos são os cedros da nossa aldeia, aonde não haja ninhos e dentro destes, as mães a chocar. Vê-se, debaixo, a cabecita delas. Eu à noite prego. Digo dos ninhos e das aves e de tudo. Era de uma vez uma fábrica de tecidos, algures, na Inglaterra. Havia um lote de teares sobressalentes e vem ordem superior para os pôr a funcionar. Porém, uma carriça tinha feito o seu ninho na engrenagem dum deles e estava no choco! O operário observa. Muito de maaninho coloca um letreiro — cautela; está a produzir e passa adiante. Ora eu digo na mesma. Recomendo a todos que passem adiante e deixem quem está a produzir.

*** O Malhado esteve há dias às portas da morte. O médico chamado à pressa, prometeu-lhe uma sova, se ele viesse a escapar. Foi xarope. Andava um outro a tomar dele, às colheres, por causa de uma constipação. Malhado vai, procura a colher, toma o frasco, cheira, prova e despeja!

Agora sou eu. Eu ando a tomar uma droga a ver se durmo. Cheira a mel e sabe a mel... Hoje dou com o frasco no fim, quando apenas tinha consumido meia dúzia de colheradas! Pombinha diz que não. Mas o remédio cheira a mel e sabe a mel...!

*** Vou tornar a dizer do Luís de Carvalho, — o Presidente. Como já todos sabemos, ele fez maroteira e apenas descoberto, deu-se-lhe instruções para recolher à base. Isto foi num sábado. Como estivessem alguns talhados para fazerem seu fim de semana em Paço de Sousa, eu disse ao Presidente, no Lar do Porto, — vais com eles.

O rapaz foi até à estação, mas ali pensou melhor e não embarcou. Andou por lá aquele sábado e o domingo também. Segunda, quando o chefe do Lar se apresenta no emprego dele com o João de Buarcos em substituição, Presidente estava. Eu soube e apresento-me. Já o patrão tinha recebido a minha carta a declará-lo desonesto e estava a contas com ele. Pouco acrescentei e convido Presidente a descer e tomar o Morris, à porta, enquanto recomendo o substituto. Deço. Presidente não estava no carro! Olho em redor. Nada! Entro. Enxergo ao longe a silhueta do fugitivo, enquanto dobra uma esquina. Deixo o Porto para Paço de Sousa e agora sou eu. Eu sozinho. Tera feito bem ter dado a este a liberdade de escolha? Não deveria tê-lo tomado pelo braço até ao carro? E se ele não

(CONTINUA NA QUARTA PÁGINA)

AQUI, LISBOA!

Continuação da primeira página

recados e de envelopes cheios. Entrega-os sempre com o inseparável sorriso. 70. por alma de Olimpia. Cumprimos. Por Alice, idem. Cem e 50 de *Uma migalha dada com muito amor*; outro tanto para os fósforos duma Casinha dos Pobres. Não pode faltar pão nem luz nestas casas, pois que tantos se encarregam de mandar o pão e riscar o lume. Para os Pobres 50 dos Restauradores. Mais a caixilharia para outra Casa do Património. É a terceira que nos vem de Monte Redondo. São três contos de cada vez, que economizamos. Lançamos os fundamentos para mais outra casa. No Banco temos agora três. São para deitar abaixo as curraleiras, logo que se consiga local para a construção. Venham mais, que são 15.000 as barracas. 50 do Registo Predial. É um tanque mata-borrão que por lá anda às voltas; 500 da Cova da Iria. Em vez do dinheiro preferíamos o oferente para trabalhar aqui. A seara é tão grande e tão poucos os operários... 50 para o Património em memória do *Pai muito querido* e outro tanto para *uma viúva que saiba e queira tratar dos seus filhos*. Mais o Evangelho pregado em Arroios, por quem, na bandeja deita migalhas, e carteiras com todo o seu conteúdo, e notas de mil duma promessa, tudo no total de 10.680\$. Finalmente os depósitos no Montepio. Ali tudo gira sobre esferas. A contabilidade é modelar. O balancete que há tempos nos foi enviado dava conta de 44.497\$50 entrados por lista e mais 20.520\$ de depósitos directos no total de 65 contos, durante o ano de 1952.

Além da técnica, há o carinho da Direcção e o coração da Senhora D.^a Irene Cascais. Apesar de tudo, nem assim os da Administração de «O Gaiato» lhes poupam o aborrecimento do postalzinho a insistir com quem já ali pagou. O Avelino mereceria uma estátua se também conseguisse fazer girar em esferas a sua escuridão. Esperamos que lá chegue.

P.^a ADRIANO

Isto é a Casa do Gaiato

Continuação da terceira página

regressa? Ele na rua, à mercê do que e de quem vier! E eu o culpado... É o fluxo e o refluxo das marés altas; e ele há homens no mundo, talhados para viver constantemente em maré alta!

Chego a casa. Entro na capela. A nossa maravilhosa capela. A Riqueza. Ajoelho. Vinha cheio do Presidente e disse alto: — *Senhor, ele é mais Vosso do que meu*. Passam-se dois dias. Alguém telefona. Tinha encontrado o Luís — Falaram. O rapaz tem medo.

O alguém insiste e vai até à casa. Tinha em seu poder um troco para me entregar (360\$00). Faz do medroso o portador. Dá-lhe dinheiro para o combóio. Vai. E o medroso veio! Foi visto entrar a porta, a nossa porta aberta, a titubiar. Ao pé do balneário, hesita. Passa um companheiro e anima-o.

Era noitinha quando ele me entrega o dinheiro, mais a sobra do combóio.

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO CONFERENCIA DOS PEQUENOS

Aos 29 de Abril de 1953 reunimos mais uma vez a Conferência de S. Vicente de Paulo «S. Francisco de Assis» do Lar do Gaiato do Porto, com assistência de todos os confrades, o assistente e presidente. Demos início a esta reunião com as orações habituais e com a acta que foi lida pelo secretário, na presença de todos os confrades, a qual foi aprovada. Antes do interrogatório aos confrades sobre a visita aos pobres, o nosso chefe Carlos Gonçalves, falou-nos sobre a sua retirada para a África, dizendo-nos que espera que dentro de nós saiam grandes vicentinos.

Falou também sobre o verdadeiro sentido de ser vicentino, dizendo que esta missão exige muitos sacrifícios e que nós devemos estar sempre prontos para os fazer. Por fim lembrou com que carinho e amizade devemos tratar os nossos irmãos pobres.

A seguir houve o interrogatório das visitas feitas aos pobres.

O Presidente interrogou o Joaquim Correia, tendo este informado que a sua pobre lhe pediu umas sapatilhas e a grelha que pertence à máquina que lhe demos.

Fernando Miranda informou que a sua pobre foi no domingo visitar o seu marido ao sanatório e que a sua filha se encontrava muito mal da cabeça.

Amadeu Récio visitou a sua pobre, fez-lhe um pouco de companhia e despediu-se até à próxima visita.

Fernando Guedes informou que a sua pobre se encontrava melhor, tendo pido um livro da 1.^a classe para que o seu sobrinho aprenda a ler e uma garrafa «termos» para conservar o seu café sempre quente, visto ela não poder andar sempre em volta do lume.

Norberto também informou que a sua pobre estava a fazer o comer e a sua filha estava a arrumar a casa. Pedindo a este confrade se podíamos contribuir com alguma coisa para a ajuda da renda da casa.

Nesta data o João Luciano Jorge Lopes foi admitido na nossa conferência.

Depois do interrogatório, falou-se de vários assuntos, entre os quais ficou resolvido que a nossa conferência ficasse a socorrer mais sete famílias pobres; sendo agora quinze as socorridas.

Por fim não havendo mais nada a tratar foi a sessão encerrada pelo presidente com as orações finais.

FERNANDO GUEDES

TOJAL Aqui no Tojal, como sabem algumas visitas, temos galinhas, patos, porcos, etc... E como temos um casal de patos gansos, gostávamos muito de ter patinhos gansos e fomos por a pata gansa a cobrir alguns ovos ao mesmo tempo pusemos também uma galinha a chocar. Nasceram 5 patos e pintos também.

Da primeira ninhada de patos só escapou um. Foi criado sem galinha na cozinha. Andava de mão em mão e debaixo dos pés de todos. Foi milagre não morrer esborrachado.

Puseram-lhe o nome de Xico. Agora que todos gostam muito dele, todos lhe pegam: — Anda cá Xico, e o Xico não se faz rogado e vem logo.

Quem trata destes patinhos e pintinhos é o nosso amigo Risonho. Bom tratador. Não podem andar melhor.

Há dias, um pato adoeceu e ele andava triste a dizer a toda a gente: — Tenho um patinho doente... Depois, o pato melhorou e ele voltou a dizer a outros visitantes: — O patinho já está bom!

O Risonho não é o Risonho dos jornais: é um «batata» a quem também chamam Tabordas.

Viva o Corre-Mundo! Como é o chefe dos rapazes da venda do jornal, discursou aos seus rapazes que nem um doutor. Dizia assim: — Eh rapazes. Nós vamos bater o Porto. Vamos atirar-nos à venda como gato a bofetada!

O que é certo é que os rapazes ouviram com juízo e a venda... subiul! Estamos agora nos 2.500.

Todos os que já alguma vez comeram à mesa dos senhores, conhecem um miúdo que nós cá temos chamado João Manuel. É o servente. Nomeado agora cicioneiro, logo se empenhou e foi ter com toda a seriedade, a uma das senhoras: — Faz favor dá-me uma gravata! — Para que queres a gravata?... — Podia lá andar a atender as visitas sem gravata?...
Joaquim A. Gouveia Marques

PAÇO DE SOUSA Temos cá tido muitas visitas nestes formosos dias, do mês das flores.

A semana, são camionetas cheias de rapazes e raparigas de escolas e colégios e aos domingos, camionetas a esbordar de excursões, que de todas as partes chegam e fazem renhidos desfalhos de futebol com as nossas primeiras e reservas.

Ainda no domingo 10, estiveram cá 1.^a camionetas e tivemos dois desfalhos, que foram muito bem disputados.

— O nosso camarada Manuel Augusto Pinto, que trabalhava no escritório da nossa tipografia, foi para o Lar do Porto para tomar o lugar do Carlos Rebelo, que brevemente vai para a África para um emprego.

Ao nosso amigo, desejamos-lhe que tudo

corra da melhor maneira e que tenha muitas felicidades.

— A respeito do trabalho para a nossa tipografia, os senhores pouco se têm pronunciado, ao contrário do que nós esperávamos.

Vamos a ver se os senhores animam, para nós não deixarem ficar mal...

— Ao apelo aqui feito outro dia, pedindo selos para o Abel Augusto, responderam alguns senhores que fazem acompanhar as suas encomendas, de boas e amigas palavras.

Por isso, o Abel vem por este meio agradecer reconhecidamente a todos os senhores, principalmente a uma senhora de Loulé, que se assina, *uma mãe de 5 filhos*, sendo já a segunda remessa.

— Os rapazes da venda quando cá chegam esta quinzena, vinham impressionados, por muitos senhores perguntarem se já há bilhetes à venda, pra nossa festa no COLISEU.

Dizem eles, que não querem que aconteça como o ano passado, em que parte dos espectadores teve de ficar de pé e por isso querem andar a tempo para depois não ficarem a chupar no dedo...

Nós daqui informamos os senhores que o nosso orfeon já tem quase todo o repertório ensaiado e os discursos já foram distribuídos.

Vamos a ver se os senhores mais atrasados desta vez andam mais a tempo...

— O S. C. da Tipografia tem deifrontado os carpinteiros em futebol, em que os tem derrotado sempre por margem folgada.

— Os senhores sabem mais uma boa? Não sabem, mas eu conto:

É um papa-figo que anda no monte atrás do nosso muro que quando assobiamos alto, o dito logo se sai:

Ti ti, ti tó tiul

Ti tó tiul

— Este ano foram perto de 50 dos nossos rapazes à Queima das Fitas da Universidade do Porto e tudo correu bem, segundo eles, pois vieram cheios de caixas com doces e a dizer bem dos estudantes que com eles andaram.

O rendimento total foi de vinte e três mil escudos.

Agora um viva entusiástico a toda a gente tripeira, que sempre acolheu com simpatia todas as realizações a favor da Obra da Rual...

DANIEL BORGES DA SILVA

Crónica Desportiva

No dia 10, realizou-se um encontro de futebol, entre Gaiatos, (reservas) e os Leões da Paz. Os quais saíram vencedores por uma bola a zero.

O jogo começou às 14 horas em ponto. Equilibrou-se de lado a lado. Aos dois minutos da primeira parte, caminha é obrigado a defender um poderoso remate para canto, disparado por um adversário do lado esquerdo. Marcado o canto, nada resulta. Os nossos miúdos avançam até à grande área adversária, mas estes pouco habituados à luta pela prova da bola, acabam por não fazerem nada. Entretanto o fim da primeira parte aproxima-se e os adversários apertam. Numa jogada bem imaginada pela asa direita, aparece um centro, bem medido para o avançado-centro que se preparava para rematar, mas entretanto aparece o defesa central Augusto que dá mão dentro da grande área. O árbitro assinala grande penalidade, que é marcada pelo defesa esquerdo que atira a bola ao ângulo superior e acaba por entrar, apesar da bela estirada de Caminha.

O jogo continua a decorrer com grande entusiasmo, mas nem uns nem outros aumentam a contagem, até ao fim da primeira parte. Na segunda parte, os nossos rapazes desenharam várias jogadas mas nada conseguem. E assim com Banana e Foscoa a orientar o ataque, começam por desorientar o adversário, mas mesmo assim não conseguem o desejado, pois a defesa visitante mostra-se tenaz, e não cedem um metro de terreno aos gaiatos, que acabam por amortecer o jogo, devido ao cansaço.

Decorridos mais alguns minutos com alguns lances bonitos, o árbitro pôs termo ao jogo, em que os gaiatos acabaram por perder por uma bola a zero. O nosso grupo formou: Caminha, Teixeira e Domingos; Corre, Augusto e Xico; Painso, Banana, Foscoa, Juvelino e Quiquinho. Arbitragem parcial.

As primeiras categorias também jogaram com os Unidos do Estoril Praia. Os gaiatos ganharam por 5 a 0.

Júlio Gomes

QUEIMA DAS FITAS

Não se esqueceram. Os Estudantes de novo chamaram e nós fomos. Vinte contos limpos. Agradecemos e até ao próximo, Deo volente.

POR TERRAS DE ESPANHA

Como os nossos estimados leitores têm conhecimento aqui no Lar do Porto há rapazes que depois de saírem dos seus empregos estudam em escolas técnicas afim de adquirirem alguns conhecimentos comerciais. Este ano a Escola que presentemente frequento — Comercial Filipa de Vilhena — organizou um passeio de estudo a Madrid. Visitámos:

CIUDAD - RODRIGO

Esta cidade embora pequena é caracteristicamente romana. As muralhas e o castelo que a rodeiam e que ela ainda conserva evocam bem a sua época.

SALAMANCA

É uma cidade mais extensa do que aquela e também antiga onde resplandecem rastros romanos. É banhada à direita pelo rio Tormes e sobre este há uma ponte romana que me conduz à cidade. No centro desta vê-se a Praça Maior com as suas magestosas arcadas em estilo barroco e onde antigamente se realizavam corridas de toiros.

ÁVILA

É uma cidade totalmente histórica e é banhada pelo rio Adaja. Toda ela evoca partes da vida de Santa Tereza de Jesus. Por tal lhe chamam a Cidade dos Cantos e Santos.

MADRID

A capital de Espanha fica situada no centro da Península Ibérica rodeada pelos montes de Toledo e Guadalajara e pela vastíssima serra da Guadarrama. No vale desta serra fica o tão célebre Escorial que dista de Madrid 50Km. O templo e o panteão real que possui foram mandados construir por Filipe II no ano 1557 para comemorar a vitória de S. Quintino.

Madrid possui vastos monumentos que recordam passagens da história espanhola tais como: Praça da Cidade onde se encontra a Torre de Lujanes e onde esteve prisioneiro Francisco I de França. O Hospício hoje Museu Municipal. Museu do Prado um dos mais importantes museus do Mundo e onde se encontram pinturas de famosos pintores mundiais. A Catedral S. Isidro onde se encontra o corpo deste Santo patrono de Madrid. O Convento das Descalças construído nos meados do século XVI por ordem da Rainha D. Joana de Portugal que ali se encontra sepultada. A Capela do Bispo também chamada a de S. João de Latrão situada na histórica praça da Paja, e hoje um dos mais importantes edifícios de Madrid antiga. As Salas Reais hoje paróquia de Santa Bárbara um sumptuoso templo do século XVII. A Ermida de Santo António da Florida com as soberbas pinturas do imortal GOYA. Hoje está convertida em Museu Público e ao mauoleu do célebre pintor. É curioso admirar ainda a Grand-Via o centro da cidade e do comércio; o vasto e formoso Retiro; os Alquilleres que parecem reliquias de séculos antepassados; a Cidade Universitária, o centro das academias etc.

Porém tudo o que possui não é bastante para suplantar a sempre bela e encantadora LISBOA, a cidade das colinas, princesa enamorada do TEJO!

Eme-Ce

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

O nosso déficit avoluma-se. Vemo-nos forçados a não aviar as receitas extraordinárias. A despesa com leite para doentes, sobe a centenas de escudos por mês! É para tuberculosos e doentes do estômago. Queremos continuar a ajudá-los e para isso só o leitor é que nos pode valer. Devemos à volta de três mil e tal escudos! Tem vindo muito pouco dinheiro, mas nós temos confiança em Deus. Isto não deve durar muito, que o mau tempo, nem sempre dura...

Recebemos 20\$00 para a Obra Vicentina que muito admiro e me comove — pobres a velar por os pobres! — e isto que seja por intenção da alma dum querido irmão que também era admirador e assinante do «Gaiato». Mais da cidade do Porto 100\$00. E mais da Invicta, 50\$00. Tripeiros! não se esqueçam da nossa Conferência!